

LITERATURA BRASILEIRA DE EXPRESSÃO ALEMÃ
(Coordenação geral: Celeste Ribeiro de Sousa)

HILDA SIRI
1918-2007

(Celeste Ribeiro de Sousa)
2008

Chegaram os mascates! *

Hilda Siri

“Ai, que calorzinho bom!” Georg Schmidt descalça as tamancas de madeira e enfia os pés nos chinelos macios. Esfregando as mãos, fica de pé junto ao fogão quente, e vai observando atentamente a filha enquanto esta deita a água fervente sobre o pó do café.

“O café está pronto daqui a pouquinho, só o leite é que ainda precisa de levantar fervura”. A mãe hoje atrasou-se um pouquinho com a ordenha. “As penas do edredon estavam quentinhas, não é, mãe?”, diz o pai rindo e pisca o olho à mulher, que acaba de entrar na cozinha.

“Ai, também é uma vergonha ter a gente de se levantar tão cedo com um frio destes. Quando acendi o fogo, ainda havia uma camada de gelo no balde da água. Brrrr, o frio que os pobres Caboclos não têm que aguentar, lá nas casas de pau a pique!”

* Tradução de Maria António Hörster. Zwanziger, Iris. Die Musterreiter sind da. *Die alte Truhe*. 2ª ed. Campinas, edição da autora, 2000, p. 59-75.

“Não precisas de te preocupar! Eles fazem uma fogueira no meio da casa e deitam-se em redor; e um aquece o outro.” A porta abre-se e com Peter, o criado, entra uma rajada de ar frio.

“Fecha a porta, ó bobalhão, estás deixando entrar o frio todo na casa.”

“Frio, patrão? Eu cá não tenho frio nenhum.”

“Só falta dizeres que estás a suar”, diz Frieda, irritada.

“Suar, suar, seria exagerado, mas estou cheio de calor. Até conseguir cercar as teimosas daquelas Mulas e embridá-las ao carro... Não há nada mais teimoso que estas alimárias! Tirando as mulheres!” O olhar que Frieda capta fala por livros e livros.

“Sentem-se à mesa, o café está pronto. Emilie, Schorsch, João, o café está pronto!”

Os dois rapazes entram de roldão, com os narizes rubros e as mãos vermelhas e barram à pressa um pão de milho com mel e *Kässchmier*. Emilie também se vem chegando do lugar onde se lava a roupa. “Já tenho uma panela cheia de roupa a ferver.” Emilie é uma criada muito trabalhadora, não só trata da lida da casa como ainda atende na “Vende” quando é preciso, e na altura do plantio e das colheitas, também vai para a “Roça”.

Depois faz-se silêncio. Só se ouve o barulho das xícaras de café e o sorver sôfrego da bebida. Lá fora, alguém bate as palmas.

“Nem beber o café em paz nos deixam, com certeza foi outra vez alguém que se esqueceu de comprar “Erva”, para ter de vir à “Vende” a estas horas de Deus.”

“Fica sentado, Georg, eu vou ver o que é.”

Dona Clara, a Vendista nunca ociosa, sempre bem disposta, levanta-se e dirige-se rápida para a Venda, instalada no cômodo da frente da casa.

“Bom dia! Entrem, entrem!”, ouvem-na dizer bem-humorada. Os outros, curiosos, ficam à escuta.

“Ora vêm mesmo na hora certa. Estamos a tomar o café agorinha mesmo.” “Cá para mim, já estava a contar com isso mesmo”, diz uma voz de homem bem timbrada.

João empurra o Schorsch para o lado e ambos lançam um olhar cheio de interesse a Frieda.

“Hmm, Hmm”, faz Peter, pigarreando, o que lhe vale um olhar zangado de Frieda.

O Pai Schmidt levanta-se à pressa e, ligeiro, vai ao encontro da visita, que acaba de entrar na cozinha. “Bom dia, senhor Sattler, tão cedo e já a caminho?”

“Pois é, senão o que é que uma pessoa há-de fazer?! Em casa do Emil alfaiate, onde fiquei esta noite, passei um frio de rachar, e então pus-me cedo ao caminho, muito antes ainda de o sol romper. Acho que o alojamento não agradou nem ao meu burro. Ele estava cheio de pressa para se pôr dali para fora e para me trazer até aqui no mais rápido dos trotes. Até ele conhece o seu bom estábulo. Destino de mascate! Dia, Friedel. Linda como o nascer do dia, mas queira Deus não sejas tão gelada.”

Todos se riem, Frieda levanta-se, de faces coradas, e põe diante do hóspede uma xícara de café a fumegar. As tranças louras, presas ao alto, descem-lhe pesadas pela nuca e os olhos azuis são capazes de um brilho muito afável, mas também muito enfurecido. Para os seus dezessete anos já está muito mulherzinha e também um pouquinho presumida.

Todos voltam a sentar-se em volta da mesa, só Peter, que não se deixou perturbar pelo hóspede matinal e bebeu o seu café, levanta-se e diz, despedindo-se:

“Bem, agora vou para o moinho. Há alguma coisa mais a tratar?” Como não chega logo resposta, põe na cabeça o chapéu amassado e parte.

Emilie também se dirige de novo ao tanque de lavar.

“Quais são as novidades?” Um mascate tem sempre de saber algumas novidades. Vem da capital, de Porto Alegre, e por lá de certeza alguma coisa se há-de passar. Ele também anda por todo o lado na sua ronda às colônias, conhece toda a gente, sabe quem nasceu e quem morreu, quem ficou noivo de quem ou quem casou com quem, e também conhece muitos pequenos casos, de que só se fala cochichando. Também é capaz de contar muitas piadas novas e histórias divertidas, sempre aguardadas com especial curiosidade pela família dos Vendistas, que vive no lugar como quem vive numa ilha. Mas o Senhor Sattler não esboça o sorriso prazenteiro do costume quando ouve esta pergunta, antes diz com gravidade e acentuando cada palavra: “Rebentou uma revolução. Não é bem uma verdadeira revolução, entre federalistas e “Maragatos”, é mais...como é que eu hei-de dizer... são umas guerrilhas com emboscadas aqui e ali. Estas lutas dão a muitos ladrões e assassinos a oportunidade de saquear e de matar. Os maragatos que descem em hordas da “Serra” trouxeram para cá um sistema de apagar pessoas que não há palavras que o descrevam. Quem não os segue voluntariamente é preso, levado para uma pequena mata e aí, sem mais aquelas passam-lhe a faca na garganta. Na marcha para o sul fizeram estragos medonhos nas colónias.”

“Ai, que coisa mais horrível, permita Deus que não passem por aqui!”

“Nas fileiras deles há muitos dos nossos teuto-brasileiros. Não têm outro remédio, são forçados a acompanhá-los, senão acabam com eles sem cerimônias.”

“E os federalistas?”

“Esses também são uma corja perigosa. Nem um pedacinho melhores.”

“Deus nos guarde de males desses!” Dona Clara benze-se, “Mas agora vamos, ao trabalho!”

À saída, o mascate ainda se volta mais uma vez a olhar para a moça.

“Que coisas boas é que vais cozinhar hoje, Friedel?”

“Ora, deito mais um pouco de água no feijão.”

“Não, feijão não, por favor. Ando a comer feijão dia sim, dia sim, desde que parti de Porto Alegre.”

“Então, frito uns ovos e um quilo de salsicha”, diz ela, travessa.

“Com ovos e salsicha pões-me a correr daqui para fora. Não tens melhor ideia? Escuta! Se hoje não me arrumares uma coisa boa para comer, logo à noite não danço contigo.”

“Isso é um castigo de temer. Nesse caso, tenho mesmo de me esforçar.”

A parte da frente da casa é ocupada por duas divisões amplas. A primeira, com acesso pela cozinha, é a “Vende”; a segunda, pegada a esta, é o “Armazém”. No “Armazém” amontoam-se as provisões para a “Vende”: sacos com arroz, feijão, açúcar, farinha, sal e caixotes com fósforos, cigarros, sabão, bebidas, conservas... No pátio ainda há um grande depósito. Aí guardam-se os produtos coloniais até à época do transporte.

Nas paredes da loja há prateleiras altas, que vão do chão ao teto. Cuidadosamente separados e dispostos em camadas estão, de um lado, os fardos de fazendas: chitas, “Riscado”, “Pelúcia” e algumas peças de seda e de fazendas de lã, e ainda sapatos e “Capas”. Do outro lado, estão os gêneros alimentícios e, no balcão, em frente da entrada, em gavetas e em vitrines, os artigos de retrosaria: botões, linhas, dedais, rendas e galões, e também bijuteria barata. Há um cacifo reservado para a farmácia. Há lá mezinhas para dores de barriga e tosse, para cortes e bichos-de-pé infectados.

Pelos cantos ainda há de tudo: arados e enxadas, artigos de montaria e panelas de ferro. Pendurados do teto, bamboleiam-se, divertidos: guarda-chuvas e candeeiros, serras e cestos. Uma grande

salsada, mas afinal tudo aquilo que o coração de um agricultor deseja e que é preciso no campo.

Chega o primeiro freguês. Um rapazote adolescente apeia-se do cavalo em pelo e enrola as rédeas à volta da trave que, para isso, está fixada diante da 'Vende'.

"A minha Mama qué um cartuxinho de 'Bleh' (anil) e a mim dás-me um 'Vintém' de 'Zuckebala' [bala de açúcar]". Chegam mais fregueses. A maior parte deles não tem pressa. Enquanto vão escolhendo, também querem contar e saber coisas, e vender novidades. Os homens aqui e ali entornam uma cachacinha, enquanto um ou outro procura conselhos.

O mascate, entretanto, não fica sem fazer nada. Ajuda a atender e vai examinando o estoque para dar conta dos artigos em falta.

Passada a afluência, senta-se a uma mesa com a dona da casa e ao mesmo tempo mulher de negócios, o braço direito do homem, aquela que mais sabe de tecidos e miudezas, e começa a trabalhar. Tira a mercadoria das sacas, grandes sacas de couro atadas com correias, que durante a viagem costuma pendurar no dorso da mula. Estende as amostras em cima da mesa, e o vendista e a filha também se chegam para verem as amostras.

"Não compres demais, mulher. Não se sabe como é que vai ser a colheita este ano e se eles na cidade não voltam a baixar os preços. Depois as 'Prateleiras' ficam cheias e não têm saída, e o vencimento das duplicatas bate à porta."

"O senhor tem de se abastecer desta chita, sem falta. São padrões novinhos em folha. O tecido chegou da Alemanha só há um mês. Também não pode ficar sem esta casimira inglesa. Já só tem algumas peças, e do que é que as pessoas hão-de fazer os ternos para as confirmações e para os casamentos se a casimira se lhe esgotar?"

“Mas a esse preço, não. O alfaiate Hannes, no vale, conseguiu vender o mesmo tecido a menos um ‘Vintém’.”

“Fique com cinco fardos, nesse caso posso fazer-lhe uma diferença maior.” A negociação anda para cá e para lá.

“Você não tem uma renda bonita ou um galão?” “É claro, estão aqui as amostras.”

“E agora não me mande de novo tudo em dobro, como da última vez.” O comerciante ameaça com o dedo, em jeito meio aborrecido, meio amigável.

“Isso foi um serviço de amigos. Pelo caminho fiquei sabendo que o preço da chita tinha subido e assim sendo permiti-me dobrar a encomenda. E o senhor afinal também vendeu tudo?!”

“Sim, é verdade... Mas o que é que se passa ali fora?! Ai, minha nossa, são o Karl Springer e o Heuberger! Epa! Agora a coisa vai ficar animada.”

Todos correm para a entrada da porta. Frieda alisa os cabelos e mordisca os lábios, para ficarem vermelhinhos.

De facto. Dois outros mascates estão a amarrar os burros à trave.

“Não amarrem. Não amarrem!”, exclama o Sr. Sattler. “Tirem-lhes já os arreios!”.

“Ora então, também tu estás aqui, Sattler! Ontem disseste-me que ias primeiro ao Georg Schmidt, para eu pensar que tu te dirigias para a Picada do Reuter. E agora, afinal não foste ao Georg Schmidt. Por que é que me mentes deste jeito, meu vigarista?”

“Deixa-te de longos palavreados!” interrompe-o Heuberger e, retorcendo a barbicha todo animado, prossegue: “Mande para o ar uma dúzia de ‘Foggeten’, Sr. Schmidt, para as pessoas ficarem sabendo que nós estamos aqui. E hoje à noite fazemos um baile.”

Os rapazes, que também se acercaram ligeiros, descarregam as mulas, conduzem-nas ao ‘Potreiro’ e, aí, atiram-lhes meia dúzia de

espigas de milho e uma porção de feno. Depois, lançam os foguetes. É sempre uma alegria especial, quando chegam os mascates.

Na 'Vende' as coisas ficam animadas e barulhentas. "Dá cá uma cerveja, Schmidt. Mas nada da cerveja que vocês fazem, queremos beber da do porco!" (A cerveja inglesa ostentava como marca uma cabeça de porco.)

Pouco depois aparecem logo também alguns homens do lugar, entre eles não se encontram colonos, porque é altura do plantio. Um carpinteiro, um ferreiro e o doutor, acerca do qual ninguém sabe se ele é realmente médico. Fala-se disto e daquilo.

"Posso dizer que é sorte minha encontrar-me no meio de vocês", diz o Karl Springer. "Ora, qual sorte, qual quê... Só tenho que agradecer à minha inteligência, não fosse ela e estaria agora por certo feito cadáver enregelado no 'Kamp'."

"Inteligência? Será que não foi engano?"

"Tu pensas com certeza que só tu é que comeste da sabedoria às colheres? – Ora então, seguia eu o meu caminho montado na minha alimária, bem disposto e sem suspeitar de nada, e queria chegar a casa da Tia Bertha antes da noite, porque sei que há lá uma boa cama à minha espera."

"Hum, hum!"

"Não admito insinuações maliciosas! Aí, de repente a minha Liesel estacou. Falo manso com ela. Primeiro tento a coisa a bem, depois ameaço-a. – Se agora não te pões a andar, hoje à noite não te dou nada para comeres. Ela vira a cabeça para mim e os seus lindos olhos, grandes, fitam-me cheios de tristeza e com ar de censura. Comer... O pobre do animal. Só agora é que me lembro. Ela, tal como eu, não comeu nada desde manhãzinha cedo. Ai, eu que já não tenho ração. Desmonto e remexo na saca da ração. Que sorte. Ainda encontro uma única "'Milhokolben'. Mas apresentar à minha Liesel uma única espiga era o mesmo que um insulto, ela só ia ficar mais teimosa. Que fazer? Chego-lhe a espiga diante do nariz e ponho-me a

caminhar na frente. E não é que o faminto do bicho vem atrás de mim a ver se agarra a espiga? Ora bem, será realmente que eu hei-de andar 10 quilómetros a pé, levando o pardo atrás de mim no engodo... Não... Um reino por uma ideia. Corto uma 'Taquara' na beira do caminho, ato-lhe a espiga com um cordel, para ela ir pendurada a baloiçar toda catita e, assim equipado, monto a burra. Agarro na vara de jeito que a espiga vá a bambolear-se mesmo na frente das ventas da Liesel. Com o desejo feroz, nascido de uma barriga vazia, ela cada vez corre mais depressa a ver se finalmente consegue apanhar a espiga. Chegámos ao destino em metade do tempo."

"Ora, tens um burro muito bobo, para ainda cair no velho truque", atalha Sattler, trocista.

"Não estás a querer dizer com isso que o truque já é velho, pois não?" Todos se riem. "O teu burro pode ser um animal bom e amável, mas lá burro é ele," diz Sattler. "Mas o meu burro é um animal muito especial." E em ar de mistério, acentuando cada palavra, prossegue em tom de sussurro. "O meu Sepp tem dons ocultistas, talvez até mediúnicos. Ele vê o invisível."

Silêncio tenso. Os homens chegam-se uns aos outros, curiosos, para escutar o que aí vem; só os colegas já mais experimentados sorriem benevolentes, fingindo indiferença.

"Isto aconteceu outro dia, estava eu em Sapiranga. Em casa do vendista Dreiherr, em Sapiranga, tirei a sela ao meu Sepp e conduzi-o ao 'Potreiro'. Passado pouco tempo tinha concluído os negócios e estava para prosseguir viagem. Chamei o meu Sepp, não veio. Fui à procura dele e não o encontrei. O moço veio em minha ajuda e, por fim, anunciou-me que o meu Sepp estava lá em baixo no mato junto ao ribeiro, e não tinha reagido minimamente ao seu chamamento, também não tinha saído do lugar quando ele o quis trazer de volta para casa. Causava uma impressão mesmo esquisita. Que fosse eu próprio ver o que é que o animal tinha. Como já descrito, encontrei o Sepp no mato. Olhava em frente, fixamente. Eu vi-lhe lágrimas a

rolarem-lhe dos olhos, grossas, transparentes. Com o casco ia raspando na terra e olhava-me, triste. Quando vou a olhar com atenção, dou conta de que ele tem debaixo do casco um osso enorme, que ele vai rolando carinhosamente de um lado para o outro, e as lágrimas caem-lhe aos pares sobre a ossada branca.”

“Ai, aí eu de repente soube o que havia sucedido. Naquele mesmo lugar tínhamos, há um ano atrás, sepultado a sua fiel companheira; e agora ele achara a sepultura, sem que antes soubesse onde ela se encontrava. Consolei o Sepp, eu mesmo com lágrimas nos olhos, e levei-o embora dali.”

As pessoas da aldeia olham para o contador de histórias com os olhos arregalados sem saber se devem acreditar ou não. Quando os dois mascates rompem numa gargalhada, faz-se-lhes luz.

No meio das conversas, chegou-se o meio-dia e Frieda chama para a mesa. Os viajantes também são convidados para a mesa. Há um almoço simples e substancial, mas muito saboroso: galinha assada no forno, macarrão feito em casa, ‘Mandioca’ e arroz. A acompanhar, uma grande tigela de salada, temperada com molho agri-doce. O Heuberger hoje vestiu as calças de quem paga as despesas e, como já está um pouquinho tocado, dá-se grandes ares. Além disso, deitou o olho à filha dos vendistas e quer fazer figura. “Eu coleciono antiguidades”, diz, a fazer-se importante. “Já reuni um pequeno museu, entre outras coisas, objetos dos índios e fósseis.” Por fósseis entende ele ossos de índios e crânios de boi. Mas a palavra soa bem. “Ando sempre a ver se consigo enriquecer a coleção. Se alguém souber de uma peça antiga...”

“O que é que afinal tem neste baú velho, senhor Schmidt?”, pergunta Springer.

“Ora”, responde a dona da casa em seu lugar, “Aí só há trastes velhos.”

“Será que por acaso?” Heuberger já está completamente no seu elemento. Sattler pisca o olho ao dono da casa, este entendeu-o.

“Estão para aí guardados objetos da antepassada. Mas ninguém gosta de tocar nesse baú velho. Diz-se que há uma assombração ou uma maldição que anda ligada a isso. Os membros da família abrem muito os olhos, mas nenhum ousa contrariar o pai.

Depois do almoço, o casal de vendedores ficou a trabalhar com os dois mascates, que chegaram depois. Agora Sattler tem, finalmente, tempo e oportunidade para fazer aquilo por que ansiou toda a manhã: – falar com Frieda a sós. Propõe irem os dois até ao quintal, comer laranjas. Será que ela também quer estar ao seu lado?

Mas, para já, o estarem sozinhos dá em nada. Schorsch e João vêm juntar-se a eles, e oferecem-se para subir às árvores e colher os frutos. “Abre o avental, vou atirar as laranjas,” grita João. Chegados lá a cima, ambos se põem a cochichar e a rir. “Frieda”, chama João, “não queres vir também cá para cima?” “Bobalhão.”

“Frieda, tu antes sempre subias em árvores!...”

“Cala essa boca!”

“Frieda, ainda te lembras?”, os rapazes riem à gargalhada, “Ainda te lembras, quando éramos pequenos e nós três vivíamos constantemente sentados nas árvores, costumávamos sempre lá de cima ...”

“Fazes o favor de calar a boca? Nem mais uma palavra.”

“O que é que vocês faziam lá de cima?” Sattler agora quer saber o resto. “Conta, João...” Pisca-lhe o olho e, num gesto esclarecedor, mete a mão no bolso dos níqueis.

“Está bem, combinado”, diz Schorsch, pois também não quer deixar escapar o seu Vintém, e conta. Frieda fica toda corada e foge dali. Quando Sattler a alcança, mais adiante, no “Mato da Pitanga”, nota que ela tem lágrimas nos olhos, de raiva e de vergonha. Gostaria de ainda ter gracejado mais um pouquinho com ela, mas não se atreve.

“Estás contente por eu ter vindo, Friedel?”

“Porque é que eu não haveria de estar?”, responde ela, seca “ Sempre fico contente, quando há animação.”

“Eu quero saber, se tu agora estás contente por estares sozinha comigo.” Agarra-lhe na mão.

“Larga-me!” As lágrimas contidas saltam-lhe agora dos olhos.

“Friedel, anda lá, não chores. Por causa de uma bobagem daquelas. Anda cá!” Ela quer soltar-se, depois cede e chora no ombro dele. Ele afaga-lhe os caracóis até que ela se acalma, ele beija-lhe o cabelo ao de leve, mas quando procura os lábios dela, ela escapa-se-lhe.

“Não, isso não.”

“E por que não?”, pergunta ele rindo.

“Tu não tens intenções sérias comigo, e depois vais contar aos outros que me beijaste.”

“Como assim?”

“É assim que fazem todos os mascates. Eu mesma já os ouvi a gabarem-se disso. E talvez tu até já estejas casado há muito tempo.”

Ele fica espantado. Pensando a sério na coisa, ela nem deixa de ter razão. É bem possível que ele também já tenha agido assim. Mas com Friedel é diferente. Ele gosta realmente dela. Ela é tão doce, tão feminina. Não, não é mocinha para se brincar. É uma mocinha... Ele imagina-a junto ao fogão e vê-a debruçar-se sobre um bercinho com um sorriso maternal e, no berço, está um menino. O seu filho? Sim, ele deseja que seja o seu filho.

Agora, de repente, vê Frieda com uns olhos completamente diferentes.

“Anda”, diz ele, não vamos ficar aqui mais tempo no quintal. Vamos sentar no banco atrás da casa, tem o calorzinho do sol e o vento não sopra com tanta força.”

Agora está sentado no banco, ao lado dela, e põe-se a contar acerca da sua infância, do seu trabalho, dos seus desejos e das esperanças quanto ao futuro. Também ela se abre, conta sobre o seu

tempo de escola, das travessuras que faziam, das amigas e também alguns mexericos. Enquanto vão contando um ao outro, têm as mãos agarradas, ambos estão felizes e despreocupados. Cada um deles vai ao encontro das palavras do outro e já não há nada de estranho entre eles.

Mas na 'Vende' há grande alvoroço.

Terminou a escolha das amostras, as encomendas estão encerradas. Os mascates pagam, de novo, rodadas de cerveja e os camaradas da manhã comparecem outra vez.

"Paga lá mais um, Heuberger. Tu tens um montão de dinheiro. Ainda consegues contá-lo?"

"Houve uma vez que tentei. Mas agora já não me dou a esse trabalho. Desde que tenho a prensa das notas, já não preciso de me ocupar com isso."

"Uma prensa das notas? Não estás a querer dizer que tu mesmo imprimes o teu dinheiro?"

"Claro, aonde é que achas que eu vou buscar tanto dinheiro? Em Porto Alegre, todos os que se prezam e têm a cabecinha no lugar possuem uma máquina de fazer dinheiro."

"Essa patranha vai vendê-la a outro, que a mim não," diz o ferreiro, o que fica mais interessado.

"Vocês aí, seus espertalhões, vão acreditando que é só com um quilo de carne que se faz uma boa sopa. Ora pensem lá bem. Aqui só circulam notas velhas e gastas. Mas se alguém vem da cidade, só paga com notas lisas, novinhas em folha, quase úmidas ainda da tinta. Como é que isso é possível? Só porque aquele que as gasta acaba de as imprimir há pouco."

"E é possível comprar uma máquina dessas?"

"Não é só comprar! Tu és ferreiro, podes tu mesmo construir uma e até ainda vendê-la a outros por bom dinheiro."

"É verdade?"

“A única dificuldade está em arranjar os clichês. Aí uma pessoa tem que ter boas relações. E essas a mim não me faltam.”

O ferreiro mordeu a isca, mas não quer abrir já o jogo. Heuberger ainda o deixa espernear um pedaço. Falam do tempo, das sementeiras, mas o ferreiro já não consegue conter-se mais sem perguntar: “Será que não podias trazer uma máquina dessas, só para se dar uma olhadinha? Sempre gostava de saber, só por razões profissionais, como é que uma coisa dessas funciona.”

“Não é só para dares olhadinha. Até te posso arranjar uma, mas...”

“Sim?”

“Tinhas de pagar já alguma coisa adiantado. Sabes, o risco todo da minha parte... Depois, não queres ficar com ela?”

“Certamente! Mas infelizmente só tenho comigo 100 ‘Milréis’. Se isso chegar...”

“É um bocado pouco, mas... Ora, deixa lá isso. Tu és o meu velho amigo e toda a gente aqui te conhece e é testemunha. Paga lá tu um copo e a compra está perfeita.”

O ferreiro manda servir. Agora é que as coisas ficam mesmo divertidas. Os outros, claro, há muito que perceberam a jogada, mas de boa vontade deixam o ferreiro cair na trapaça. Ele é um daqueles sujeitos que gostam de acompanhar na bebida, mas que não gostam de pagar alguma coisa.

Só ao vendista é que a brincadeira não agradou muito. O ferreiro, afinal, é seu freguês e um vive do outro. Além disso, não simpatiza lá grande coisa com o Heuberger, porque ele é um fanfarrão e também porque anda a arrastar a asa à sua Frieda, dum jeito que não lhe agrada.

Dá pela falta de Sattler no grupo, sai e encontra-o no banco, atrás da casa, com Frieda.

“Senhor Sattler, o que é que tinha na ideia quando hoje ao almoço falou no baú?”

“Ora, pensei cá para mim que podíamos pôr o Heuberger à procura de um tesouro. Ele é um bocado emproado, o nosso Heuberger, não lhe fazia nada mal alguma coisa para fazer-lhe baixar a crista”.

“O senhor tem um plano traçado?”

“Ainda não, mas arranja-se. Importante é que o senhor aguçe àquele sabichão o apetite para o baú. Tem de se envolver o baú num segredo que o deixe curioso.”

“Tudo bem, onde está a rapaziada? Eles que tratem da música. E tu, Frieda, ainda tens de fazer o bolo com pedacinhos de manteiga e açúcar na cobertura. Salsicha e pão há que chegue, não há? Hoje à noite temos baile.”

A fumaça do tabaco e o cheiro a cerveja vêm ao seu encontro ao entrarem para a ‘Vende’. Agora também apareceram colonos e gente nova, que não querem perder a pândega com os mascates. Há gente, que em outras ocasiões vira e revira o ‘Patacão’ dez vezes antes de o gastar, que agora o põe no balcão sem se preocupar, para também pagar uma rodada. Também se joga aos dados e fazem-se apostas. Mas quem mais paga são sempre os mascates.

Springer sentou-se num canto com o doutor, onde não são incomodados. Descobriram que são velhos conhecidos.

“Mas nada de contar por aí,” pede o médico. Senão estou frito. “Depois de eu naquela altura, como sabe, me ter visto obrigado a sair de Porto Alegre por umas histórias de saias, subi para a ‘Serra’. Foi uma grande viagem a cavalo. A primeira coisa que eu larguei pelo caminho foram as atitudes aristocráticas. Infelizmente, isso não me é assim tão fácil, com os meus tiques de oficial do exército. Aí, por acidente dei com um bando de revolucionários que também queriam acabar comigo sem mais aquelas; gente que passa a faca na garganta do outro, e por aí adiante... Nada de agradável. O quê? Disse-lhes eu, querem assassinar-me, a mim, o famoso médico da Europa, que se apressou a vir para cá para salvar os seus feridos?”

Isso deu certo, mas entre eles havia um desconfiado que quis saber onde é que eu tinha os meus instrumentos. Tenho-os na bolsa da minha sela, mas não vou mostrar, senão ainda sou roubado, porque vocês são um bando de ladrões, um bando desprezível, e eu devia ter mais que fazer do que impedir vocês de me esticarem o pernil. Eu encontrara o tom certo. A minha sorte foi que eu levava comigo uma quantidade enorme de aspirinas e quinino, e também óleo de rícino. As dores do umbigo para cima, tratava-as com comprimidos e as do umbigo para baixo, com óleo. Mas até com estes medicamentos eu tinha de ser poupado. Assim, com 'Cachaça' e limão fabricava um ponche quente e depois de ele ter provocado milagres no doente, eu fazia pensos e pequenas intervenções, conforme a necessidade o exigia. Seja como for, os meus métodos curativos tiveram grande êxito."

"Mas não morreu muita gente?"

"Naturalmente, mas esses também teriam morrido sem mim. Um mais, um menos, não faz diferença naquela sociedade. Uma vida humana não tem ali grande valor. Entretanto, fui-me apropriando de conhecimentos e experiências. Aprendi muito sobretudo na utilização de raízes e ervas medicinais. Talvez me despreze por causa da minha charlatanice, mas tem de pensar que, onde não há médico em parte alguma, os meus pequenos serviços podem ser de grande utilidade."

"Senhor Schmidt, acompanhe aí. Aqui está um copo cheio." Heuberger aproxima-se do vendista e mete conversa com ele, com a voz entaramelada da cerveja. "Ainda tem de me mostrar os tesouros que estão escondidos no baú."

"Bobagem! Não há tesouros nenhuns lá dentro."

"Mas hoje ao almoço disse que havia", protesta ele, teimoso.

"Não se ponha assim a gritar. Quer que toda a gente fique sabendo?"

"Ah, agora apanhei-o. Vamos lá a soltar essa língua."

"Como é que eu ia revelar o segredo logo a você?"

“Venha daí, Senhor Schmidt, temos de falar disto a sós, sem falta.”

Vão juntos para o ‘Armazém’, que fica bem ao lado. Heuberger já não se segura completamente nas pernas.

“Então, o assunto do baú é o seguinte...”

“Senhor Schmidt, deixe-me falar primeiro. O senhor tem que ver, que não está oferecendo sua confiança a nenhum miserável. O senhor tem que saber que amo sua filha. Já há bastante tempo. Eu gostaria de me casar com ela. E, sobre isso, pensei o seguinte. Preste atenção: tenho algumas economias e poderia abrir em Porto Alegre um “negócio de atacado”. Exatamente como o meu chefe. Conheço todos fregueses. Todos comprariam na minha loja, pois eles consideram o mascate, de uma maneira ou de outra, como o dono do negócio, e pelo tanto que ele viaja. E, se o senhor ainda me der sua filha como esposa, e ainda, como posso dizer, me der alguns trocados sonantes, então, poderei oferecer a sua filha um futuro brilhante. E o senhor, com seu dinheiro, fica sócio no negócio. Coisa fina, não?”

O senhor Heuberger é só envaidecimento e esperança. Deixa-se cair pesadamente sobre uma caixa, que logo se despedaça sob o peso.

“Coisa fina”, diz o senhor Schmidt, não sem uma alegria matreira. E seria realmente uma coisa fina, se o cara não fosse um descarado. Quase fino de mais. Uma moça poderia facilmente deixar-se impressionar. De repente, pergunta desconfiado: “O senhor já falou com minha filha sobre o plano?”

“Não, ainda não. Mas isso é trabalho meu. Com a moça não há problema. Sei como abordá-la. Sou experiente no assunto.” Mas tais palavras voltam a não agradar ao vendista, embora ele esteja contente, já que o espertalhão ainda não foi cantar Frieda. A certeza de sua vitória dá-lhe forças para decidir-se a enganá-lo com o baú.

“Eu não queria fazer comentários diante dos outros ... O negócio do baú tem que se lhe diga. Eu ainda não sei o suficiente.

Encontrei a informação numa velha carta. Minha avó, Deus a tenha, era uma mulher culta de uma casa abastada, mas um tanto supersticiosa. Ela mandou encaixar um escaninho secreto neste baú, que se podia abrir apenas à meia-noite, a fechadura só cede entre as 12 e 1 horas. Se não houvesse esta cláusula idiota com as horas, eu mesmo já o tinha aberto há muito tempo. Quer dizer, se eu também soubesse onde foi colocado. Mas assim à meia-noite, na hora do lobisomen... não me atrevo. Curiosidade eu tenho mesmo pelo que nele está escondido.”

“ Nada mais fácil, hoje mesmo começamos o trabalho.”

“Mas ainda há uma cláusula: só alguém sozinho pode tentar abrir a fechadura. É uma oportunidade mística, deve tratar-se de uma relíquia ou coisa assim. As pessoas antigamente tinham cada idéia.”

“Deixe-me tentar. Seria para mim uma grande satisfação mostrar-lhe com um favor que, em breve, haveremos de ser parentes.”

“Isso depende totalmente da moça. Ela sozinha decidirá”. Consigo mesmo, no entanto, pensa: este hoje à noite vai ficar petrificado. E, além disso, se eu não estiver redondamente enganado, ela já ficou de olho em outro.

Os rapazes empilharam os sacos num canto. As caixas cheias servem, em parte, para sentar. Além disso, ainda colocaram mais alguns bancos e os cantos foram enfeitados com ramos de palmeira.

As mulheres trabalham na cozinha. O bolo, ainda quente, é cortado em fatias e disposto em pratos. As salsichas acabam de ser colocadas à mão, para ferver, quando chegar a hora. Sobre a mesa da cozinha já há pratos com fatias de pão e grandes nacos de manteiga. O choucrute em tijelas só precisa ser aquecido.

O gado está alimentado, as vacas ordenhadas. É fim de tarde. As mulheres lavam-se em tinas de madeira e vestem suas roupas de

festa, as moças vestidos de chita, Dona Clara um vestido de alpaca preta.

Vai escurecendo. Na venda ainda se encontram o médico e o senhor Springer. Estão entretidos a filosofar. Diante deles há uma garrafa de cachaça pelo meio. O médico já tropeça na língua.

“Deixei tudo para trás, arruinei tudo, como farrapos que se atiram fora. Será que um dia fui oficial do exército imperial? Será que realmente gostei de representar o papel principal, tanto no salão de baile, quanto na pista de corrida? Meu amigo, isto deve ter acontecido numa outra vida.

Minha visão de mundo, meus conceitos sobre religião e ética, até esses eu mudei. Neste espaço imenso, nestes campos infinitos, nas florestas impenetráveis, aprendi a conhecer tudo a que damos o nome de Deus, de uma outra maneira. Nesta infinitude, por onde se cavalga horas a fio, sem se encontrar viva alma, aqui não há lugar para ídolos pagãos. Aqui a alma só possui um legítimo estar-no-mundo, que paira acima de tudo, que está em tudo.”

“Oh, nosso saber é tão pequeno, e quanto maior é a assim chamada inteligência tanto menor o espaço de que ela dispõe para esse espírito que a tudo abarca. Espírito, senhor Springer, isso não é inteligência, isso não é alma, isso não é sensibilidade, nem bem, nem mal. Não, não sei como explicar o que é espírito, mas experimentei a sua presença. Junto a simples “Caboclos”, que não sabem ler, nem escrever, que não sobrecarregam a cabeça com saberes de escola. Eu os vi colocar as mãos em moribundos e curá-los. O espírito...”

“Está ficando de noite, meu caro senhor von Strehe, ou como quer se chame. E eu ainda quero descansar um pouquinho antes do baile.”

“Pois, então, vá; divertir-se é um direito da juventude”.

Ele ainda fica por ali um tempo, curvado sobre o copo, o oficial de outrora, agora um doutor da floresta e das pradarias. Assim que

os primeiros rapazolas começam a chegar, ele levanta-se pesadamente, cambaleando, e sai.

O salão do baile, o armazém, está cheio de gente. As moças e as senhoras estão sentadas nos bancos, as moças, apesar do frio, ostentam vestidos leves de chita. Os rapazes mais novinhos estão aglomerados num canto, os mais velhos junto ao balcão. Só com astúcia ou poder sairão dali para dançar uma valsa com suas caras-metades. As mães mais jovens estão ocupadas, dando de beber a seus bebês, e também adormecendo os pequenos numa cama larga, ali no cômodo ao lado. Ali estão eles, um ao lado do outro, de bochechas afogueadas e punhozinhos cerrados. Se um começa a chorar, logo os outros também estão chorando.

Ah, já há estalidos no ar. Um atrás do outro os foguetes sobem ao céu claro e estrelado e estouram, espalhando uma chuva de fagulhas. A música chegou. Três homens, justo. Agora, a coisa pode começar.

Mas, embora a música já tenha tocado três peças, nada se agita. Os rapazes mais novos estão tímidos e os mais velhos ainda estão junto ao balcão. Os mascates entram com Dona Clara e Frieda. A música toca um toque de clarim.

"Vamos à 'Quadrilha'", grita Springer, retumbante, enquanto oferece o braço a Dona Clara. Quebra-se o encantamento. O senhor Sattler vai buscar os maridos resistentes e leva-os até suas caras-metades, agradavelmente surpreendidas. Agora também os jovens acham seus pares. Até mesmo as crianças mais espigadas, a maioria mocinhas, aos pares, misturam-se entre os que dançam, e não se importam, quando vez por outra levam um encontrão ou um pisão.

Depois da terceira dança não há mais como segurar os homens. Para não caírem em desgraça, providenciam uma "Gasosa" para as mulheres e as filhas. Por sua vez, as mulheres, depois de terem dançado pelo menos uma vez, também ficam contentes e satisfeitas e, agora, também têm que cuidar dos seus: depois de olhar os

pequeninos, é preciso ver os mais crescidinhos, que, entretanto, de repente, começam a gritar todos ao mesmo tempo, e também os mais velhos, que já prestam atenção nas filhas mais jovens. Já deve ter acontecido... Sim, há tanta coisa para cochichar e para conversar. Especialmente hoje, todo o mundo está de olho em Frieda, visivelmente disputada por Sattler e Heuberger. Ainda nem bem terminou uma dança com um, já o outro se aproxima e a puxa para si. A coisa já está chegando a um ponto crítico. Porém, à medida que o tempo passa, Sattler parece ser o vencedor, ele segura firmemente sua dama pelo braço, e Friedinha, vez por outra, encosta, como quem não quer nada, sua cabeça no ombro dele. Percebe-se que Heuberger vai ficando cada vez mais inquieto, e cada vez mais vezes olha o relógio. Será que ele deixou o "Kamp" por causa da Frieda, ou será que ele simplesmente está enjoado do baile?

Da música já só se ouve o contrabaixo a marcar o ritmo.

Às onze horas vão-se os primeiros convivas. É dia de semana e, no dia seguinte, todos têm que sair cedo. Assim sendo, não se pode andar na pândega durante tanto tempo. Springer e Sattler, que também estão dentro dos planos para a peça que vai ser pregada a Heuberger, encarregam-se de deixar a sala vazia às onze e meia. As mulheres vão-se deitar e também Springer vai para o seu quarto. Sattler propõe um passeio ao dono da casa. A tensão febril que se apoderara de Heuberger abrandava um pouco, pois agora encontra-se sozinho e feliz, e pode aguardar com sossego e concentração a hora dos espíritos. Desagradável é apenas ele, mais uma vez, ter bebido um pouco para além do que tencionava.

— “Está tudo a postos?” pergunta Sattler, quando ele sai de casa na companhia de Schmidt. “Eu dei ordens aos rapazes nesse sentido, vai ser para eles uma paródia dos diabos.”

— “Será que não pode suceder alguma?”

— “Não, eu pensei em tudo.”

A geada sobe dos terrenos baixos, mas não há ponta de vento. Envoltos nos ponchos amplos, os homens também não sentem frio nenhum. Durante um longo pedaço, caminham juntos, sem dizer palavra. Nas casas dos arredores, as luzes vão-se apagando.

— “Sr. Schmidt,” diz Sattler, a abrir a conversa. “Eu arrastei-o a vir comigo cá fora, para trocar umas palavras com o Sr. sem sermos importunados.”

Ah, é agora, pensa Georg, não é preciso ser muito esperto para saber qual o empenho do jovem.

— “Gostaria de lhe pedir que me desse a sua filha por esposa. Tenho, assim me parece, possibilidades de lhe montar uma casinha, e de lhe proporcionar uma vida agradável, mas riquezas, dificilmente as alcançarei. Apesar disso, estou convencido de que poderia fazer a sua filha feliz.”

Silêncio. “O Sr. não vai recusar a minha proposta, espero.”

— “De forma nenhuma. Mas também tenho uma oferta a lhe fazer. Eu pus um dinheirinho de parte, não muito, mas para o começo deve chegar. Com esse dinheiro você vai abrir um “Atacadogeschäft” em Porto Alegre e, ao mesmo tempo, vende os produtos coloniais que eu aqui compro. Também seria possível armazenar mercadorias aqui, para as fazer chegar mais depressa e com mais facilidade às “Venden”.

— “Ai, isso seria maravilhoso. É difícil de imaginar. Oh, que grato que eu lhe estou.”

— “Imagine. Não se esqueça de que se trata de um negócio, totalmente independente das nossas futuras relações de parentesco. Aqui tem a minha mão. Aperte aí. A uma boa sociedade.”

— “E a boas relações de família.”

— “Acho que agora é altura de irmos para casa, se é que não queremos perder a brincadeira.”

Regressam, em silêncio, e chegam mesmo na altura certa... Na casa as luzes estão apagadas e o silêncio é total. Heuberger desce do seu quarto para a ‘Vende’. Numa mão traz a vela e, com a outra, protege-a da corrente de ar. Ainda faltam cinco minutos. Ele esgueira-se para a cozinha e põe a vela em cima da mesa. Não tarda vai ficar a saber o que é que o compartimento secreto do baú esconde. Deus queira que o Sr. Schmidt lhe ceda aquilo, caso seja apropriado para a sua coleção. Aborrecido é tudo estar tão ligado a cláusulas esquisitas. Ou será que o vendista... Não, não o acha capaz disso. Sim, dantes as pessoas ainda tinham fantasia. Talvez não sejam senão cartas de amor da antepassada. Seria pena. Só falta um minuto. Ai, a lentidão com que o tempo se arrasta! Agora, tem de estar atento. Cada segundo conta. Será que o relógio está certo?

Agora. Vai precisar de cinco segundos para abrir a tampa. Deus queira que encontre logo o compartimento secreto, para não se perder nenhum tempo precioso. Quando avança para o baú, está possuído de um sentimento de solenidade. Afinal, é um herói, que ousa algo que sai fora do dia-a-dia. Abre o baú. Agora, apagar a vela rapidinho. Inclina-se sobre o baú e, para não perder tempo algum, atira tudo cá para fora, trapos e cangalhada. O baú está agora vazio. Apalpa as paredes. Deus queira que ninguém o tenha ouvido. Também havia lá dentro sapatos que fizeram muito barulho quando caíram no chão. E, de novo, apalpa o velho caixote. É irregular e tem buracos do bicho. Como as coisas enganam. Aqui, será este o local que é preciso pressionar para o fecho secreto saltar? Não, aqui não pode ser. Mas onde será?

Que luz mais estranha que está a incidir sobre o interior do baú! Que coisa é esta? Ficou mais claro. Ergue os olhos e recua apavorado, batendo com as costas. Aquilo que vê deixa-o paralisado

de horror. Acima dele, por detrás do baú, há olhos de fogo cravados nele com um ar malévolos. Tomado de um medo pânico, recua aos tropeços. Por cima de umas vestes brancas há uma caveira, de cujas órbitas o fitam com fixidez olhares chamejantes. Espírito da antepassada, a ideia atravessa-o com um arrepio. Sai a correr do compartimento, atordoado, e agarra-se, quase sem sentidos, ao Sr. Schmidt, que vai nesse momento a entrar na 'Vende'.

Agora, toda a casa se anima.

O que é que estão todos a rir com um ar tão bobo, pensa Heuberger, que lentamente volta a si. João e Schorsch entram na 'Vende'. Trazem um varapau comprido; por cima do pau está pendurado um lençol branco e por cima do lençol assenta uma abóbora escavada

— “Eu sabia,” gaba-se João. “Talhar uma caveira de uma abóbora como eu faço, não há ninguém que consiga. Tinha fatalmente de dar cabo dele.” “Deixa-te de sentenças, meu cretino,” indigna-se Schorsch.. “Se eu não tivesse riscado o fósforo tão baixinho e não tivesse acendido a vela a tempo, a brincadeira não teria dado certo.”

— “Mulher, traz umas garrafas de vinho do Mosela, do bom, já sabes. Temos de brindar a várias coisas. E não leve a mal, Sr. Heuberger.”

Todos se riem. O Sr. Heuberger, ao início, um pouco aborrecido e envergonhado, mas depois deixa-se contagiar pela a alegria geral e, com os seus botões, vai pensando: Não perdem pela demora. Uma próxima vez, apanho vocês.